

KUPFER, D. O importante serviço da indústria. *Valor Econômico*, Rio de Janeiro, 19/09/2007.

O importante serviço da indústria

19/09/2007

O crescimento de 4,9% do PIB brasileiro nesse primeiro semestre de 2007 ratificou as previsões de que a expansão da economia será mais intensa nesse ano e pode alcançar a casa dos 5,5%. As estrelas do semestre foram a indústria de transformação e a formação bruta de capital fixo, que cresceram 7,2% e 10,6% ante igual período de 2006. Repetindo o ocorrido pela última vez em 2004 - quando indústria, formação de capital e PIB cresceram 7,9%, 9,1% e 5,7%, respectivamente - o maior ritmo de expansão da atividade industrial em 2007, não por acaso, convive com melhores resultados para os dois outros agregados. Esse desempenho reforça o argumento de que, mesmo experimentando há anos uma tendência à perda de peso na composição do PIB, a indústria ainda é relevante como pólo dinâmico da economia.

Embora os desafios associados aos setores de maior conteúdo tecnológico sejam maiores e de mais difícil equacionamento, as principais preocupações com o encolhimento da atividade industrial têm recaído sobre a indústria tradicional - têxtil, vestuário, calçados, móveis, dentre outros. Isso se deve ao fato de, ao contrário dos primeiros, ela representar parcela significativa do valor adicionado e ainda maior do emprego industrial. A preocupação vem do fato de que o futuro que se vislumbra para esses setores é de crescente desvantagem na concorrência com os produtos importados, especialmente chineses, a ponto de muitos analistas acreditarem que, se nada for feito, esses setores virão a sucumbir. Por isso, sabe-se que esses setores terão que enfrentar nova fase de transformações, mais uma em uma já longa história de ajustes estruturais visando à sobrevivência, a última delas ocorrida no imediato pós-Plano Real quando, também por causa da valorização cambial excessiva, receberam proteção tarifária e incentivos financeiros na forma de regimes especiais temporários editados pelo governo.

São muitos os fatores que influenciarão a capacidade de resposta desses setores. Primeiro, o futuro da indústria tradicional dependerá da disposição de o governo promover uma desvalorização da moeda ou, alternativamente, definir instrumentos fiscais, financeiros e regulatórios que compensem os danos que a valorização excessiva do real vem causando a determinados setores. Outro elemento decisivo é a infra-estrutura. Aqui, o que está em jogo é o aumento da sua disponibilidade e confiabilidade conjugado à redução do custo de acesso, especialmente, para energia, transportes e tecnologias de informação. Não é certamente uma tarefa fácil e é importante ter claro que a sua consecução depende não somente de fartos recursos públicos e privados para investimentos, mas também de uma imprescindível capacidade institucional de definir as prioridades consistentes com as necessidades desse tipo de indústria. Também caberá ao governo a criação das condições

para um vigoroso aumento da produtividade, o que certamente vai requerer uma azeitada política de inovação tecnológica.

De todo modo, as políticas públicas isoladamente de nada adiantarão se a maioria das empresas da indústria tradicional não saírem da posição passiva em que estão hoje e tomarem para si a tarefa de definir seus rumos futuros, fazendo as escolhas pertinentes, imobilizando o capital requerido e assumindo os riscos inerentes a períodos de transformação estrutural. O que está em tela é a necessidade de promover uma reorientação estratégica que pode envolver uma de duas opções: primeiro, para as empresas que estão mais bem posicionadas no mercado, conferir maior peso para design, moda e outros elementos diferenciadores de produto na suas estratégias competitivas; segundo, para as demais empresas fora desse nicho, buscar obsessivamente qualidade e produtividade nas atividades manufatureiras e, acima de tudo, capacidade de fornecer componentes ou produtos prontos com rapidez e confiabilidade, para permitir às empresas trabalharem integradas em cadeias organizadas de suprimento, nacionais ou internacionais. Ambas as estratégias deverão permanecer viáveis, pois neutralizam as principais vantagens competitivas da produção chinesa, que ainda são baseadas em baixo custo e elevada padronização.

Quanto ao papel da indústria na economia nacional, em uma perspectiva de longo prazo o Brasil provavelmente não será nem uma plataforma de exportação mundial, nem tampouco será exclusivamente importador desses bens tradicionais. Significa isso que o peso da indústria na composição do PIB brasileiro não será tão alto quanto o dos novos tigres asiáticos, nem tão baixo quanto o dos países pós-industriais. O país deverá rumar para uma indústria tradicional organizada em nichos, nos quais as empresas, de um lado, poderão se beneficiar da pujança de nosso mercado interno mas, de outro, terão que disputá-lo cotidianamente com produtos importados. Por isso, precisarão exportar uma parcela da produção para conseguirem escala e informação que as habilite a um maior capacidade competitiva no próprio mercado interno. Por isso também, será necessário buscar todas as oportunidades comerciais existentes mundo afora, e não somente nos países de maior renda, direção que sugere que a aposta em negociações multilaterais ou em bloco, com ênfase para os nossos vizinhos latino-americanos, pode ser a mais acertada a longo prazo.

O fato é que os sinais recentes são de que o ciclo de investimentos mais intenso dos últimos 10 anos está em curso e, dependendo se essa dinamização for generalizada ou confinada apenas a alguns setores, estará sendo definida uma estrutura produtiva mais diversificada ou mais especializada para a economia brasileira nos próximos dez anos. Para o Brasil, a preservação e ampliação da estrutura industrial diversificada ainda existente no país é a trajetória estrutural mais interessante. A indústria brasileira só deveria iniciar uma trajetória de especialização, que nesse cenário significaria renunciar à indústria tradicional, quando atingir certa massa crítica em termos de capacitação tecnológica e financeira que lhe permita integrar-se à economia mundial "pelo andar de cima", como fornecedor relevante de bens e serviços de alto valor agregado, o que ainda está longe de ocorrer. Por muitos anos ainda a indústria terá importante serviço a cumprir como motor do desenvolvimento econômico.